

NOTAS SOBRE O PAPEL DIAGNÓSTICO DA ARTE EM M. FOUCAULT E P. VEYNE

NOTES ON THE DIAGNOSTIC ROLE OF ART IN M. FOUCAULT AND P. VEYNE

Yolanda Gloria Gamboa Muñoz

RESUMO: A partir de exemplos determinados experimentaremos os direcionamentos diferenciais do diagnóstico no crivo de ambos os pensadores: Michel Foucault e Paul Veyne. Nosso ponto de cruzamento e limitação será o papel da arte na duplicidade de “arcabouço cultural” e “arte-vida”; dimensões a serem utilizadas tanto em relação ao “diagnóstico instintivo do presente” em Foucault, como nas “profecias às avessas” de Paul Veyne. Mediante a encruzilhada temporal de presente, passado e porvir avaliaremos assim o uso diferencial e diagnóstico explicitado em diversas expressões artísticas que ficaram materializadas na “discursografia” foucaultiana e na “relatografia” veyniana.

Palavras chaves: Foucault, Veyne, arte, diagnóstico, crivos.

ABSTRACT: Using specific examples, we will experience the differential directions of diagnosis through the analysis of both thinkers: Michel Foucault and Paul Veyne. Our crossing point and limitation will be the role of art in the duplicity of “cultural framework” and “art-life”; dimensions to be used both in relation to Foucault's “instinctive diagnosis of the present” and Paul Veyne's “inverted prophecies”. Through the temporal crossroads of present, past and future, we will thus evaluate the differential and diagnostic use explained in various artistic expressions that were materialized in Foucault's “discurography” and Veyn's “relatography”.

Keywords: Foucault, Veyne, art, diagnosis, sieves.

OS CRIVOS SELETIVOS

Uma vez localizada no cenário desta fala¹ passo a explicitar a temática proposta entregando o jogo de partida. Penso as formas de vida, a adoção, abandono e transformação de certas condutas não somente em termos políticos, mas artísticos e literários como se os pensadores fossem uma espécie de “crivos seletivos” no limite. Sei que a expressão “princípio seletivo” (*ein auswählendes Princip*) é nietzscheana:

Pois sem contar que sou um *décadent*, sou também seu oposto. Minha prova disso é, entre outras, que instintivamente, contra os estados ruins, escolhi sempre os remédios *certos*; enquanto o *décadent* em si escolhe sempre os remédios que lhe são prejudiciais. Como *summa summarum* eu era sadio; como ângulo, como especialidade, eu era *décadent*. (...) E como se reconhece, no fundo, uma índole *bem lograda*? Um homem bem logrado faz bem a nossos sentidos: é talhado em uma madeira que é dura, delicada e com cheiro típico ao mesmo tempo. Só encontra sabor naquilo que lhe é compatível, seu agrado, seu prazer cessa, onde a medida do compatível é ultrapassada. Adivinha meios de cura contra danos, utiliza casos ruins em sua vantagem; o que não o derruba, torna-o mais forte. Ele faz instintivamente, de tudo aquilo que vê, ouve, vive, uma soma: ele é um princípio seletivo, muito ele deixa de lado. (Nietzsche, 1983, p. 370-371 e 1977, p. 43-44. Tradução pontualmente modificada conforme o original).

Michel Foucault e Paul Veyne eram leitores de Nietzsche! Mais ainda, podemos dizer que determinados pensamentos provenientes do *nome* Nietzsche faziam parte de cada um dos crivos diferenciais de ambos os pensadores. Esse atuar como crivo seletivo está em relação às escolhas instintivas, ao gosto² e, sobretudo, ao deixar de lado em seus diversos

¹ Conservo a forma coloquial deste escrito que fez parte da Mesa Redonda sobre Foucault no XI Encontro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea: "Vida, arte e pensamento" no qual situei minha participação da forma a seguir: "Fico muito contente em participar nesta mesa com André Yazbek e conhecer Regiane Collares, num encontro do grupo de Filosofia Francesa Contemporânea, do qual gosto muito e a que pertenço desde os começos graças ao convite de meu amigo Hélio Salles Gentil. É certo que não pratico a fidelidade ao grupo, uma vez que a minha participação e coordenação de outros me impedem de fazê-lo, o que se mostra, por exemplo, na impossibilidade de acompanhá-los em eventos como a ANPOF, mas nunca quis cortar o vínculo e sempre que posso escuto e aprendo com vocês, arriscando-me a falar em ocasiões como esta".

² Gosto (*Geschmack*) será para Nietzsche a palavra habitual para designar o instinto de autodefesa (*Instinkt der Selbstverteidigung*) cujo imperativo seria dizer não quando há desinteresse, mas também dizer não o

matizes (Muñoz, 2005, p.216-222). Refiro-me ao deixar de lado como detestar, afastar, tomar distância, usar luvas ou, simplesmente, não ver e não escutar.

GOYA NO CRIVO FOUCAULTIANO

Por isso, num primeiro momento, gostaria de mostrar (ou aludir) a duas imagens. A primeira é de Goya, e será mencionada e analisada por Foucault na *História da Loucura: O pátio dos loucos* (Foucault, 1972). Ver *figura 1*. Longe de mergulhar numa

Figura 1 - O pátio dos loucos



análise pictórica de especialistas quero simplesmente assinalar o que Foucault disse que viu nessa tela, isto é, sua seletividade presente nessa análise de *O pátio dos loucos* de Goya. Nela Foucault ressalta as nudezas ao longo dos muros também nus, como um patético contemporâneo dizendo:

Os ouropéis simbólicos que coroam os reis insensatos deixam visíveis corpos suplicantes, corpos oferecidos às correntes e aos chicotes, que contradiziam o delírio dos rostos menos pela miséria desse despojamento do que pela verdade humana que se manifesta em toda essa carne intacta (Foucault, 1972 a, p.549 e 1972 b p. 523)

Foucault repara no chapéu de três pontas (tricórnio) usado por um rei insensato; ele não está louco por ter usado o chapéu, nos disse, há uma “virtude sem linguagem de seu corpo musculoso, de sua juventude selvagem e maravilhosamente desligada, uma presença humana já liberada e

menos possível. De maneira que o gosto implicaria um distanciamento, um separar-se daquilo a que haveria necessidade de dizer não muitas vezes. Atitude que está ligada ao afastamento da reatividade e à cordura e prova que não é um acaso, mas uma necessidade (Nietzsche, 1977, p.67-69)

como livre desde o começo dos tempos, por um direito de nascimento” (Foucault, 1972a, p.549 e 1972b, p.523). Porém, esses corpos também mostravam a monotonia e seus gestos: “cantavam sua sombria liberdade numa linguagem próxima do mundo do Pinel”. Neste sentido o que Foucault viu nessa pintura está ligado ao seu diagnóstico de passageiro. Diagnóstico feito como um ser de passagem, que seria sua caracterização da tipologia do filósofo (do porvir) após Nietzsche (Foucault, 2023, p.17). Assim, será segundo as vozes de Goya e Sade que, cito o diagnóstico de Foucault nessa ocasião: “o mundo ocidental recolheu a possibilidade de ultrapassar na violência sua razão, e de reencontrar a experiência trágica para além das promessas da dialética” (Foucault, 1972a, p.554 e 1972b, p.527).

O que podemos constatar a partir desse diagnóstico dos anos 70 é que, tanto nas posteriores análises sobre o poder-resistência como nos Cursos de 1979-1980 sobre *Du gouvernement des vivants* Foucault, sempre em transformação, voltou a marcar discursograficamente a necessidade de levar em conta os ouropéis, agora, em todos seus matizes. Cito:

Se diz amiúde que, por trás de todas as relações de poder, há, em última instância alguma coisa que é como um núcleo de violência e que se o poder é despojado de seus *ouropéis (oropelles)*, se encontra o jogo nu da vida e da morte. Talvez. Mas pode existir um poder sem *ouropéis*? (Foucault, 2012, p. 18).

Continuemos nessa interrogação: Seriam os mesmos ouropéis visualizados ao limite naquele quadro de Goya como aquele extremo em que “os ouropéis simbólicos coroam os reis insensatos”? Talvez a força dessa imagem continuasse a operar. Foucault, na ocasião, percebeu uma forma de resistência ao “funcionamento estatutário” dos asilos nesses ouropéis simbólicos? Não sabemos. Só que, posteriormente, reencontraremos a alusão aos ouropéis; a verdade, por exemplo, tornando-se e estendendo-se como o principal deles (Foucault, 1971, p. 18-23.) verdade e/ou vontade de verdade em expansão discursiva mostrando não somente “os dois corpos do rei”, mas os ouropéis sempre presentes nas diversas configurações e polos catalizadores do poder-resistência. Segundo nossa leitura Foucault, como crivo seletivo, escolhe entre os materiais de trabalho e documentos grises que lhe rodeiam, descartando pensar o poder sem seus *ouropéis*, isto

é, pensar o exercício do poder sem anel de verdade, sem o círculo aletúrgico (*aléthurgique*) que circula ao seu redor e o acompanha. Em outros termos e estendendo essa atitude à discursografia foucaultiana, constatamos um distanciamento das diversas tentativas de pensar o poder sem a discursividade que o veste e o encobre.

GIORGIONI NO CRIVO VEYNIANO

Desloquemo-nos agora para o *Museu Imaginário* de Paul Veyne. Ele assume, de partida, que sua forma de vida carrega um museu imaginário e que optou por formas de vida a partir dos

romances lidos (seguindo os personagens de Stendhal e não os de Flaubert³, por exemplo). Uma das imagens de seu Museu Imaginário é o quadro de Giorgione (1508) *Os três filósofos* (ver figura 2), do qual sua análise começa com a

Figura 2 - Os três Filósofos



suspeita da tríade (acentuando assim Giorgione como o pintor mais misterioso e lendário da pintura italiana, em que o tema dos quadros permanece amiúde desconhecido). Na análise deste quadro pergunta-se: serão os três reis magos (esperando a chegada da estrela que os guiará a Belém)? ou três astrônomos-astrólogos (um deles escruta o céu na saída

³ Referências *A cartuxa de Parma* e à *Educação Sentimental* respectivamente.

do sol)? (Veyne, s/d, p.269) Importa marcar essa constante reunião de trilógias na relatografia veyniana. E se são os três grandes filósofos (Platão, Aristóteles e Averróis) interessa, ao parecer, desvendar a tipologia do filósofo... Cada um, perdido em suas meditações e em sua esfera comum filosófica, ignora os outros dois e não lhes fala. (Veyne, s/d, p.269). Vivem eles o mesmo instante ou são de tal maneira que neles mesmos a eternidade os mudou? (Veyne, s/d, p.263)

A partir da análise dessa imagem podemos relacionar seu constante pensar com a história e a filosofia, ou como ele declara, seu flertar com a filosofia (Veyne, 1983, p.7-8); lembremos que elas são o que fazemos delas. Mas não só isso, também seu privilégio do perspectivismo, da história como interpretar relações, e, dessa forma, seu exercício artístico e vital de quebrar os limites nas relações entre “disciplinas estanques e especializadas”. Assim, nas denominadas pesquisas históricas o *detetive* Veyne, introduz constantemente textos literários para analisar acontecimentos históricos, à medida que os considera como um *exemplo extremo* de algo que efetivamente acontecia num cenário histórico determinado. Assim o fará com o *Satiricon* de Petrónio (Veyne, 1964, p.301-324), pois Petrónio faria a caricatura de realidades, mas de *realidades autênticas*, procedimento para o qual escolheria casos extremos. Neste sentido, a análise veyniana resgata o labor da “anedota satírica” ou da caricaturização de realidades como casos limites de uma tendência da época. Também utilizará *A cartuxa de Parma* de Stendhal (Veyne, 1989, p.124) como uma antecipação diagnóstica da valorização do trabalho.

ARTE E DIAGNÓSTICO DO PRESENTE.

Nossa proposta, no entanto, é referir-nos ao papel da arte tanto em relação ao "diagnóstico instintivo do presente" em Foucault, como nas "profecias às avessas" de Paul Veyne que seriam uma espécie de diagnósticos do passado. Em determinados casos ambos procuram e escolhem nas diversas manifestações artísticas elementos que vão sustentando seus diagnósticos, como se a arte tivesse a possibilidade da antecipar diagnósticos instintivos. Todavia, é a *forma* de relacionar-se com essa problemática do diagnóstico que será diferencial em ambos os pensadores. Nossa perspectiva é que o

diagnóstico de Foucault fica nas areias movediças do presente e o de Veyne constitui uma profecia ao avesso (seguindo o dizer de Burckardt em relação ao historiador considerado como um profeta às avessas). No entanto, entre os matizes dessa afirmação teríamos que destacar, por uma parte, o salto dos últimos discursos de Foucault, para a “ontologia do presente”, salto executado graças a um exercício constante do pensar e da experiência. É possível dizer que, na expressão “ontologia do presente”, Foucault teria vestido de carnaval o diagnóstico do presente⁴, mas a complexidade anárquica desse presente manter-se-ia. Por outra parte, nas nuances veynianas seria preciso mergulhar na complexidade do escolher, que mudaria segundo as épocas. Em outros termos, ele não constituiria uma atividade *trans-histórica*, mas remeter-nos-ia à necessidade de determinar cada vez o “remanejamento do caleidoscópio”. Nesse aspecto seria rejeitando a importância dada aos “objetos” sobre os que recaem as escolhas que poderemos dizer que na “aldeia veyniana” o escolher não se explica a partir do que é escolhido; o que é escolhido se explica pelo que, em cada situação histórica, é o escolher⁵.

Sobre o diagnóstico como instintivo, a partir de Nietzsche (1998, p.28 e 136) e na diferença com Platão - lembremos da pergunta de Platão na *República* X, 618bc: quem nos dará a ciência do distinguir? - (Platão, 1983 p.494) diríamos que a perspectiva de ambos os pensadores (Foucault/Veyne) continua trilhando a esteira nietzscheana e um ativo distanciamento do platonismo. Nesse aspecto podemos dizer que os constantes diagnósticos de ambos os pensadores irão formando parte do crivo seletivo constituído pelo desenho da arte-vida materializado por seu *Selbst* (*soi*, si mesmo) e pelo correspondente apagamento ou afastamento do *Ich* (*je*, eu), do qual o *Selbst* ri. Neste ângulo a presença de Nietzsche é novamente marcante:

⁴ Expressão utilizada por José Jara durante sua apresentação no “VII Colóquio internacional Michel Foucault” acontecido na PUC/SP em outubro de 2011.

⁵ Se virarmos o caleidoscópio histórico e levarmos essa problemática até um exemplo do Veyne narrador do cotidiano constataremos que entre os romanos (“Império Romano”) todas as escolhas estão nas mãos do pai de família, de modo que a trama do escolher encontrava-se nas relações pai de família-patrimônio, pois era nelas que se decidia o reconhecimento ou enjeitamento dos filhos, o filho escolhido para a herança, o filho que faria carreira, etc. Ângulo que parece-nos ter sido considerado nos capítulos “Do ventre materno ao testamento” e “Patrimônio” (Veyne, 1989, pp. 22-43 e 140-159, respectivamente), mesmo que ali sejam heurísticamente utilizados diversos esquemas de análise e que a escrita veyniana abra para diversas “vias” de leitura.

Instrumentos e brinquedos são os sentidos e o espírito (*Geist*); atrás deles acha-se ainda o si mesmo (*Selbst*). O si mesmo procura também com os olhos dos sentidos, escuta também com os ouvidos do espírito.

E sempre o si mesmo escuta e procura: compara, subjuga, conquista e destrói. Domina e é também, o dominador do eu (*Ich*).

Atrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, acha-se um soberano poderoso, um sábio desconhecido – e chama-se o si mesmo. Mora no teu corpo. É o teu corpo. (Nietzsche, 1994, p.51 com alterações conforme o original, Nietzsche, 2007, p.37)

Nesta ocasião, os diagnósticos que explicitam o *Selbst* se apoiam, como já dissemos, em diversas manifestações artísticas como constituindo um arcabouço-cultural possível de escolhas e distanciamentos. A partir delas (como os quadros escolhidos anteriormente) pode-se olhar e escutar instintiva e diferencialmente para o presente, passado e porvir e, assim, praticar o diagnóstico constante.

Porém, será em relação à dimensão do “presente” que aparentemente se marcam as diferenças. De Foucault já temos tratado muito e, em ocasiões recentes, tentando vislumbrar a complexidade do que ele denomina presente, onde se jogam os dados e as regras ao mesmo tempo (Muñoz, 2023, pp. 4-5). De Paul Veyne sabe-se menos, mas vale a pena reparar que quando ele aposta e toma partido nas “batalhas do presente” se pergunta: Quem já sabia o que hoje aconteceria? E responde com tríades de pensadores, ao modo dos três filósofos/astrônomos/reis magos do quadro de Giorgioni. Nesse sentido cabe destacar que, para Veyne, o nome Nietzsche é um dos integrantes de uma outra *tríade* (junto com Renan e Flaubert) que, em 1860, já sabiam o que hoje viveríamos, ou seja, viam a história, a acumulação de verdades e fábulas, os séculos e os continentes como ainda os vemos (Veyne, 1995, p. 319).

Na encruzilhada dos diagnósticos Veyne/Foucault é preciso reparar que Veyne, sem ingenuidade, põe em relevo o papel dos exemplos no trabalho foucaultiano ao dizer que Foucault preferia trabalhar sua metodologia com exemplos históricos. Isso, de um lado, por estratégia, porque as pessoas vivem a morte da verdade sem sabê-lo; e, de outro lado, por limpeza, porque Foucault teria preferido o caduco aos conceitos (Veyne, 1989, 401). Essa referência, assim esquematizada, possibilita detectar que na parte submersa do iceberg veyniano existe também um diagnóstico de nossa atualidade como aquela que

vive a morte da verdade, ainda que as pessoas não saibam disso. Nesse caso, lidamos com a importância atual dos exemplos obedecendo à problemática ou ao já velho acontecimento da Morte de Deus⁶. O procedimento veyniano faz *descer* o *conceito morto* para ser ativado pelo comando superior do *exemplo*. Atualmente interessam os *exemplos*, desde que não sejam dependentes nem ilustrativos de complexas ordenações teóricas. Opera assim em sentido contrário ao modo platônico, que marca uma hierarquia na qual o exemplo é considerado uma simples ilustração do conceito.

De maneira que um aspecto dessa complexa relação Foucault/Veyne se desenvolve num trabalho com “casos” e “exemplos” no âmbito político-filosófico-artístico contemporâneo assumido, neste aspecto, como não platônico, ou para-platônico. Neste sentido nossa introdução dos quadros de Goya e Giorgioni pode ser considerada uma indicação de casos ou exemplos que comandam indo além da via conceitual.

Outro aspecto do diagnóstico instintivo de ambos os passageiros (Foucault-Veyne) – repetindo a denominação passageiro de Foucault (2023, p.17) – é a criação constante de armas de resistência ativa, catalizadora. Muito temos pensado sobre as foucaultianas, até porque ficcional e artisticamente o porta-voz de Foucault é, a meu ver, o personagem da resistência. Isto se torna efetivo ao pensar que esse passageiro relacional quis ir além das relações de identidade e causalidade encontrando, em sus andanças filosóficas – e não filosóficas – a resistência como uma categoria negativa, que se dobrava na forma do ressentimento. Tal vez foi lutando para liberá-la de sua negatividade que, num começo a enviou à guerra, mas, posteriormente, realizando um salto com e junto dela, a transformou em “catalizador químico”. (Muñoz, 2016, p.1-13).

Sabe-se menos das resistências veynianas situadas no passado, na sua capacidade de escuta do bloco greco-romano e materializada, por exemplo, nos seus relatos sobre os paganismos no Império Romano (Muñoz, 2005, p.384-386). Destaquemos uma delas. Ele

⁶ A partir do aforismo 125 da *Gaia ciência* (Nietzsche, 2008, p.480-482) podemos acrescentar que também na própria “atualidade” do século XIX, em que o “homem louco” procura Deus, temos a reatualização da lâmpada de Diógenes e o esquecido grito dos marinheiros diante do vazio que deixa a Morte do Grande Pa (Nietzsche, 2004, p. 69)

nos diz que consegue respirar muito bem nesse cenário antigo, pois pratica a libertação de três vozes pelas quais, segundo seu diagnóstico, ainda seríamos atravessados: Igreja, Identidade e Nação. Acrescentemos que, nessa atmosfera de leveza, escreverá *Et dans l'éternité je ne m'ennuierai pas*⁷, inserindo suas próprias vivências, até as trágicas (Veyne, 2014, pp. 232-260), como parte de sua inclassificável e exata *relatografia* artística de distanciamento (Da Silva, 2023, pp. 45-96). Em outras palavras, trata-se de deixar de lado o *peso* de uma trilogia encarnada nas tipologias que hoje ainda nos cercam, não mais como as tipologias dos filósofos, astrônomos ou reis magos de Giorgioni rodeadas de mistérios, mas aquelas formadas dentro das grades em que estamos aprisionados, na sua perspectiva: Igreja, Identidade e Nação.

Não podemos esquecer, finalmente, que o *samurai* Foucault (assim denominado por Veyne; 2008, p.201), mesmo considerado em suas complexas relações com a literatura e a ficção⁸, e em seu afastamento das imagens que simplesmente “brilham”, efetivará uma definição do que nos anos 60 considerava como sendo ficção: “nervura daquilo que não existe, tal como ele é” (Foucault, 1994, p.280) e finalizará nos anos 80, esse seu produtivo percurso, afirmando que “não escreveu senão ficções” sem descartar, no entanto, “os seus efeitos de verdade”:

Eu nunca escrevi nada além de ficções e eu tenho consciência. Apesar disto, eu não diria que as ficções estão fora da verdade. Eu acredito que é possível fazer funcionar a ficção no interior da verdade, introduzir efeitos de verdade num discurso de ficção e, assim, conseguir produzir no discurso, fazê-lo ‘fabricar’ alguma coisa que ainda não existe, alguma coisa que se “ficcionaliza”. (FOUCAULT, in: DREYFUS, 1984, p.291-2)

⁷ Como ainda não conhecemos uma tradução publicada desse escrito para o português, teríamos que pensar sua tradução como “E na eternidade eu não me entediarei...”. Livro de 2014 (documento social humano para uso dos curiosos) – que ganhará, posteriormente, um prêmio literário.

⁸ É o próprio vocabulário da ficção (imagens, figuras) que é detectado como perigoso, inclusive após ser pensado em termos de espaço, e não de tempo, como a literatura. Neste sentido podemos dizer que Foucault *inventa* uma interdição na porta da ficção: Ela não pode ser simples produção que faz brilhar imagens, mas tem que se transformar em potência (*puissance*) que desata as imagens até produzir sua *explosão*. Ao contrário, Veyne nunca declarará nem uma conversão, nem menos uma explosão das imagens. Assim, no Prólogo ao seu Museu Imaginário (*Mon Musée Imaginaire*), ele simplesmente declara se dirigir ali « aos que amam contemplar imagens, porque eles aí encontram prazer” (Veyne, s/d, p.6)

A partir desta declaração discursiva, que está longe de constituir um texto filosófico a ser analisado, podemos dizer que Foucault fez predominar uma relação produtiva, mesmo sabendo dos riscos do alquimista⁹. Nesse caso e para fazer a mistura é preciso uma alquimia de duas dimensões: verdade e ficção. No entanto, essa declaração que pareceu surpreendente quando foi formulada, trazia consigo antigas experimentações na forma de rastros discursográficos. Referimo-nos às experiências realizadas em numerosos artigos sobre literatura e ficção, a partir dos quais foi sendo adquirido um peso de forças acumuladas e um vislumbrar da possibilidade de produzir efeitos de verdade, cujo ponto de partida se localizaria em um solo ficcional. Por isso, perguntemo-nos, onde e quando, Foucault diagnostica a localização da ficção?

Nos suportes, nos deslizes, na aproximação das coisas (não nelas mesmas) – nos elementos neutros desprovidos de todo prestígio onírico que conduzem de uma zona da narração à outra (FOUCAULT, 1994, p.283)

Constitui-se assim uma certa exigência de que esses efeitos de verdade pudessem ser perceptíveis. Nesse sentido, finalizemos lembrando que a verdade tinha sido diagnosticada por Foucault, ao modo do chapéu de três pontas (o tricórnio) do quadro de Goya, como o mais elaborado e abrangente dos chapéus-ouropéis da cultura ocidental cobrindo e dissimulando a logofobia (Foucault, 1971, p.52), o jogo nu da vida e da morte e as formas violentas e cruas do poder-resistência.

⁹ Utilizamos alquimia no sentido grego, como “ação de misturar” (CARON, 1970, p.117).

REFERÊNCIAS

- CARON, M. et HUTIN, S. (1970) *Les alchimistes*, Paris, Seuil.
- DA SILVA, Gustavo (2023). *Elegia e relatografia: Paul Veyne e seus devires filosóficos*. 2023. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.
- DREYFUS, H. & RABINOW, P. (1984). *Michel Foucault. Un parcours philosophique*, Paris, Gallimard.
- FOUCAULT, Michel (1971). *L'ordre du discours*, Paris, Gallimard.
- FOUCAULT, Michel (1972a). *L'Histoire de la folie à l'âge classique*, Paris, Gallimard.
- FOUCAULT, Michel (1972b) *História da Loucura na Idade Clássica*. trad. José Teixeira Coelho Netto, São Paulo, Ed. Perspectiva.
- FOUCAULT, Michel (1994). « Distance, aspect, origine ». In : *Dits et Écrits I*, Gallimard, Paris, pp. 272-285.
- FOUCAULT, Michel (2012). *Du Gouvernement des vivants*, Paris, Gallimard.
- FOUCAULT, Michel (2023) *Le Discours Philosophique, Qu'est-ce que la philosophie ?* Paris, Gallimard/Seuil.
- MUÑOZ, Yolanda G. G. (2005). *Escolher a montanha. Os curiosos percursos de Paul Veyne*, São Paulo, Humanitas/Fapesp.
- MUÑOZ, Yolanda G. G. (2016) “Três imagens da resistência em Foucault” in: *Revista Politética*, São Paulo, v. 4, n. 2, 2016. pp. 90-114.
<https://revistas.pucsp.br/index.php/PoliEtica/article/view/31419/24316>
- MUÑOZ, Yolanda G. Gamboa (2023). “Teatro do presente: prática de uma anarquia radical?”. *Des-troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p.e45917, jan./jun.2023.
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadestrococos/article/view/45917/37892>
- NIETZSCHE, Friedrich (1977). *Ecce Homo*. Frankfurt: Insel Verlag.
- NIETZSCHE, Friedrich. (1983) *Obras incompletas*. Trad. R. R. Torres Filho. 3a ed. São Paulo: Abril Cultural.
- NIETZSCHE, Friedrich (1994) *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva, 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- NIETZSCHE, Friedrich (2004) *Die Geburt der Tragödie*, Stuttgart, Reclams Universal -Bibliothek.
- NIETZSCHE, Friedrich (2007). *Also sprach Zarathustra*, Bonn: Insel Verlag.
- NIETZSCHE, Friedrich (2008). *Die fröhliche Wissenschaft* in: KSA 3, Deutscher Taschenbuch Verlag, Gruyter.

PLATÃO (1983). *A República*. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

VEYNE, Paul (1964). “Le ‘Je’ dans le Satiricon”, *Revue des Études Latines*, vol. 42, Paris, pp. 301-324.

VEYNE, Paul (1983). *O inventário das diferenças*. Trad. de Sônia Salzstein. São Paulo, Brasiliense.

VEYNE, Paul (1989a) “Foucault et le dépassement (ou achèvement) du nihilisme”, in *Michel Foucault philosophe. Rencontre Internationale*. Paris, Seuil, pp. 399-404

VEYNE, Paul (1989b). “O Império Romano”, in *História da Vida Privada*. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo, Cia. das Letras, vol. I.

VEYNE, Paul (1995). *Le quotidien et l'intéressant (Entretiens avec Catherine Darbo-Peschanski)*. Paris, Les Belles Lettres.

VEYNE, Paul (2014). *Et dans l'éternité je ne m'ennuierai pas*, Paris, Albin Michel.

VEYNE, Paul (2008). *Foucault. Sa pensée, sa personne*, Paris, Albin Michel.

VEYNE, Paul, (s/d). *Mon musée imaginaire*, Paris, Albin Michel.